

## MATEUS, O CONTADOR DE HISTÓRIAS

CARTER, Warren. *Matthew: storyteller, interpreter, evangelist*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2004. 287p. ISBN: 1565639855.

Elisa Rodrigues\*

### Resumo

Esta resenha reúne alguns importantes *insights* do professor e pesquisador do Novo Testamento, Warren Carter, a respeito de seus estudos sobre o Evangelho de Mateus. Para Carter, este evangelho foi escrito por um cristão judeu educado em três línguas: hebraico, aramaico e grego. Portanto, tratava-se de alguém que detinha conhecimentos especiais e poderia utilizá-los na descrição dos acontecimentos que envolveram Jesus de Nazaré, no século I da EC. Este evangelho teria sido escrito por volta do ano 80 e contaria com uma audiência mista, embora se preocupasse fundamentalmente com a conversão gentílica à tradição judaica da Lei.

**Palavras-chaves:** Bíblia, Novo Testamento, Evangelho de Mateus, cristianismo primitivo, crítica literária.

### Abstract

This review puts together some insights of the New Testament professor and scholar Warren Carter concerning his studies on the Gospel of Matthew. For Carter, this gospel was written in three languages by an educated Jewish-Christian: Hebrew, Aramaic and Greek. Therefore, it was about somebody that held special knowledge and could use them in the description of the events that had involved Jesus of Nazareth in I century CE. This gospel would have been written about the year 80 and would count on mixing hearers, even so was worried basically about the gentile conversion to the Jewish tradition of the Law.

**Keywords:** Bible, New Testament, Gospel of Matthew, early Christianity, literary criticism.

---

\* Bacharel em Teologia (FTBSP), mestre e doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Integrante do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã. Endereço eletrônico: [e\\_rodrigues@yahoo.com](mailto:e_rodrigues@yahoo.com).

## INTRODUÇÃO

A presente resenha da obra de Warren Carter – Professor de Novo Testamento na Saint Paul School of Theology – intitulada *Matthew: storyteller, interpreter, evangelist* (2004), tem por objetivo apresentar a pesquisa do autor sobre Mateus por meio deste texto, que é o mais recente. Este trabalho de Carter tem caráter de revisão e está de acordo com seu significativo livro *Matthew and empire: initial explorations* (2001). Nesta obra, Carter salienta que o evangelho de Mateus é uma literatura fundada e engajada no mundo imperial romano. Ele destaca substancialmente três temas: (1) as tradições de Jesus, (2) a relação de Mateus com outros os evangelhos e fontes e (3) a relação de Mateus com o Império Romano. O interesse primordial do autor está centrado na identidade e no estilo de vida da audiência. O texto tem escrita leve e pode ser utilizado em faculdades e seminários para o ensino de leigos, estudantes e lideranças religiosas.

A dificuldade de se definir a etnicidade do autor mateano e se o que o constitui é judaico ou gentílico é demasiada e certamente reflete a complexidade cultural do mundo no I século. Martin Hengel, entre outros, mostrou que o mundo do I século não pode ser dividido em duas esferas, o judaísmo e o helenismo.<sup>1</sup> O helenismo estava espalhado por todo mundo antigo. Em nenhum lugar, mesmo entre os judeus de comunidades da Palestina e na Diáspora, haveria possibilidade de se isolar desta influência. Por esta razão é tão difícil definir apenas por meio da análise lingüística a origem da autoria do Evangelho de Mateus. Carter propõe que o autor de Mateus seria um cristão judeu educado em três línguas. Ele teria escrito com um competente grego, mas teria de modo igualmente competente o domínio do aramaico e do hebraico. Deste modo, o autor estava familiarizado com as tradições e práticas judaicas.

### Onde o evangelho teria sido escrito e por quem?

Os estudiosos têm sugerido diversos locais de origem para o Evangelho de Mateus: Jerusalém, Alexandria no Egito, Cesárea na costa da Palestina, Transjordânia, Tiro ou Sidom, Séforis ou Tiberíades na Galiléia.<sup>2</sup> A teoria mais aceita é que teria sido escrito na Síria, provavelmente em Antioquia.<sup>3</sup> Muitos são os fatores que apontam para Síria e, em especial, para a cidade de

---

<sup>1</sup> HENGEL, Martin. *Judaism and Hellenism*. Philadelphia: Fortress, 1974 (1981); COHEN, S. *From the Maccabees to the Mishnah*. Philadelphia: Westminster, 1987; KOETZEL, C. *The world that shaped the New Testament*. Atlanta: John Knox, 1985.

<sup>2</sup> GUTHRIE, D. *New Testament introduction: the Gospel and Acts*. Chicago: Inter-Varsity, 1965; BRANDON, S.G.F. *The fall of Jerusalem and the Christian church*. London: SPCK, 1957; VIVIANO, B. Where was the Gospel according to St. Matthew written? In: *CBQ* 41, 1979, pp. 18-28; MARXSEN, W. *Introduction to the New Testament*. Philadelphia: Fortress, 1968; OVERMAN, Andrew J. *Matthew's Gospel formative Judaism: a study of the social world of the Matthean community*. Minneapolis: Fortress, 1990; STANTON, G. The origin and purpose of Matthew's Gospel: Matthean scholarship from 1945 to 1980. In: *ANRW* II.25.3. HAASE, W.; Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1985.

<sup>3</sup> CARTER, W. Households and discipleship: a study of Matthew 19-20. In: *JSNTSup* 103, 1994, pp. 40-46.

Antioquia como lugar onde Mateus teria sido escrito. Citações mais antigas do Evangelho de Mateus podem ser encontradas nas cartas de Inácio, bispo de Antioquia, escritas por volta da primeira década do II século e na *Didaquê*.

Inácio inicia sua carta à igreja de Esmirna na Ásia Menor listando as crenças dos crentes locais. Ele menciona que Jesus foi batizado por João e que toda retidão se cumpriu nele (1:1). Esta citação sobre o Batismo de Jesus pode ser encontrada somente em Mt 3:15. Os versos mateanos apresentam várias palavras que são importantes marcas deste evangelho. Ainda em três outros lugares, Inácio usa Mateus: para Policarpo, aos filipenses e aos efésios. Tais referências sugerem o uso deste evangelho na Síria. Em suma, Carter propõe que o evangelho foi escrito por um judeu cristão que vivia na Síria, provavelmente em Antioquia, educado e não identificado, por volta do ano 80 do I século. O nome “Mateus” pode ter sido associado ao evangelho porque denotaria respeito a alguma figura de autoridade ligada às tradições de outras fontes ou de outras comunidades.

### **Para entender o evangelho de Mateus (Chapter 1 – Understanding Matthew’s Gospel)**

Carter inicia este capítulo com relato a respeito de sua experiência com a Bíblia. Narra a respeito de seus períodos devocionais e das perguntas que fazia ao texto: “O que eu posso aprender a respeito de Deus e de Jesus para a minha vida? O que eu posso aprender sobre as pessoas e sobre mim mesmo? Há algum exemplo a seguir, uma ação a evitar, algo para se prestar atenção, uma palavra de conforto ou de encorajamento?”

Tais perguntas o levaram a perceber que o mundo bíblico era distante e diferente do seu. Que certos textos o impressionavam e o confundiam. O autor entendeu que sua estratégia de leitura não contemplava a complexidade do material bíblico. Tempos depois, ao estudar o Novo Testamento (NT) no seminário, Carter encontrou a estratégia que passou a julgar mais adequada para a aproximação da Bíblia: o criticismo histórico subdividido em crítica das formas, crítica das fontes e crítica da redação. Todavia, se por um lado a crítica histórica (método histórico-crítico) abria um “novo mundo” de questões e *insights*, por outro, ele passou a reconhecer que ignorava muitos aspectos do NT e, aos poucos, a visão de unidade se perdeu. Com isso surgiram outras perguntas: seria possível conciliar as duas estratégias de leitura? Seria importante ter duas estratégias de leitura para diferentes propostas e situações? Haveria uma terceira proposta que pudesse superar as duas primeiras?<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. CARTER, Warren. *Matthew: storyteller, interpreter, evangelist*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2004, pp.02-03.

A partir destas questões, Carter propôs a união entre as noções de autoria e de audiência. Para ele o criticismo histórico é responsável pela criação de lacunas irremediáveis entre o leitor e o texto. A autoria implícita buscada por alguns autores estaria perdida para sempre. Ao contrário desta noção, Carter propõe entender que o material mateano foi fruto de um processo histórico que envolvia um grupo definido de praticantes e seguidores dos ensinamentos de Jesus que estavam em constante elaboração e re-elaboração de sua religiosidade. Segundo Carter, o uso dessa noção está associado ao entendimento de que a intenção do autor se perdeu e que não está acessível para o leitor moderno. Deste modo, um comentário simples feito no passado pode ser interpretado como brincadeira. No entanto, por meio da leitura do texto e de eventuais pistas, seria possível perceber o tipo ideal de audiência para qual o autor se dirige ao escrever. Em geral, o autor formula certa imagem de audiência apta a entender e responder apropriadamente o texto. Assim, o texto revelaria o tipo de imagem que o autor tem de sua audiência por meio da escolha das palavras, do estilo simples ou complexo que adotou, a inclusão ou omissão de conceitos, o nível de familiaridade com relação a certos assuntos, alusões a lugares, pessoas e figuras, princípios e crenças que adota ou ridiculariza. Todas essas evidências, se somadas, podem revelar algo a respeito do autor e também da audiência para qual se dirige.<sup>5</sup>

## Parte I

O evangelho de Mateus vem de um tempo e de uma cultura diferente. Além da região geográfica nos ser desconhecida, a língua grega empregada – *koiné* – constitui situação histórica típica da autoria do evangelho. Neste quadro sócio-cultural “estranho”, a vida cotidiana, os costumes, os modelos sociais, os valores culturais e a experiência religiosa do I século compõem certas convenções que o contador da história (o evangelista) utiliza livremente por serem familiares ao seu contexto. Muitas vezes tais expressões nos soam dissonantes pela diferença de conhecimento e de experiência. Para diminuir essa lacuna, dois métodos podem ser empregados. O criticismo histórico (ou crítica histórica) e a crítica da redação. O primeiro investiga as circunstâncias históricas, sociais, modelos e valores culturais do mundo mateano. O segundo, a crítica da redação, investiga o ponto de vista teológico do autor bem como as mudanças no uso das fontes e a relação dessa produção com a audiência/comunidade.

Por meio destas ferramentas, Carter pretende elaborar uma espécie de “ponte” entre o Evangelho de Mateus e o mundo presente. O autor demonstra preocupação em ressaltar a relevância deste evangelho para o leitor moderno.

---

<sup>5</sup> Carter empresta a noção de autoria/audiência de RABINOWITZ, P. J. *Before reading: narrative conventions and the politics of interpretation*. Ithaca: Cornell University Press, 1987, pp. 15-46. Cf. CARTER, p. 04.

## Estágio transcultural<sup>6</sup>

O capítulo 2, especialmente das páginas 13 a 29, discute a respeito do autor implícito do Evangelho de Mateus. A possível relação entre seu assunto, sua etnicidade, lugar e tempo onde foi escrito e a importância de todos esses elementos na constituição de seu texto. Trata-se de discussão introdutória para a compreensão dos complexos simbólicos e campos semânticos deste texto que contribuirá decisivamente para o gênero, a função e a discussão de quem é a autoria/audiência. Carter conclui que o autor, seja ele quem for, era um judeu que escreveu em grego, mas tinha domínio do hebraico e do aramaico. Para ele, as evidências mostram que o evangelho teria sido escrito em grego e não hebraico, conforme alguns comentaristas propõem.<sup>7</sup> A declaração quanto à redação em hebraico, provavelmente, foi baseada nas declarações do período antigo.

Carter discute a identidade, a etnicidade (ele era judeu de fala grega ou gentio?), as tradições culturais e a localização histórica e geográfica do material mateano. Entende que essa discussão constitui o ponto de partida da pesquisa por duas razões: (1) entende que o autor de Mateus oferece pistas sobre o tipo de escrito e o gênero do evangelho; (2) este conhecimento auxilia entender a função da autoria/audiência na redação do texto e quais suas expectativas em relação ao evangelho. Carter destaca que o texto pertence a um mundo cultural, histórico e geográfico diferenciado do leitor moderno, portanto, isto demonstra a necessidade de uma abordagem “transcultural”. Carter pergunta: “Quem é Mateus? Este Mateus era um dos doze discípulos? O título do evangelho procede de uma tradição ou deriva de uma pessoa? O nome foi adicionado posteriormente em honra a uma importante figura ou trata-se da declaração de sua autoridade?” Para responder essas questões, Carter julga necessário entender que as noções sobre autoria daquela época se diferenciam das nossas próprias noções culturais, historicamente formadas. Por isso, entende ser necessário recorrer ao uso de fontes *externas* que nem sempre são completas, mas que geralmente providenciam alguma informação extra. Além disso, não dispensa o uso da fonte *interna* que é o próprio texto e que pode ser útil na identificação de indícios e pistas sobre o período.

---

<sup>6</sup> A cross-cultural step.

<sup>7</sup> TORREY, C.C. *Our translated Gospels*. New York/London: Harper, 1936; BUTLER, B.C. *The originality of St. Matthew*. Cambridge: Cambridge University Press, 1951; ALBRIGHT, W. F. & MANN, C.S. Matthew. In: *The Anchor Bible*, vol. 26. Garden City/New York: Doubleday & Co, 1971.

## Referências externas e internas

Muitos escritores cristãos do II século citam o material do Evangelho de Mateus, mas nem sempre atribuem explicitamente suas citações a este evangelho. Um século após sua redação, o bispo Irineu de Lyon é o escritor que cita ou alude de modo mais claro ao texto mateano, mas o atraso no registro de tais evidências por Irineu dificulta a rápida ligação entre o nome Mateus e o conteúdo do evangelho. Isso levanta questões sobre a declaração de que Mateus teria sido um dos discípulos de Jesus. As citações de Irineu que são geralmente interpretadas como atestado da autoria de Mateus aparecem na obra *Adversus Haereses*, escrita por volta de 180-190, um tempo de muita controvérsia e diversidade de pensamento cristão.<sup>8</sup> Irineu esforçava-se por fortalecer a igreja predominante contra aqueles que considerava ser marginais. Parte de sua estratégia era dizer que os “hereges” não aceitavam ou não interpretavam corretamente as Escrituras. Sua discussão a respeito das origens canônicas dos evangelhos deriva deste contexto e sua intenção principal era reforçar a noção de que os quatro evangelhos correspondiam às origens cristãs. Irineu sustentava a autoridade dos evangelhos e buscava garantir sua verdade pela ênfase nas origens apostólicas (*Adversus Haereses* 3.1.1.). De acordo com seu principal argumento, os evangelhos foram escritos pelos apóstolos que foram testemunhas oculares de Jesus e seu trabalho. “Mas parece ser especialmente importante para ele ligá-los à autoridade de Pedro e Paulo. Esta ligação, posteriormente, permitirá que o bispo trace uma linha contínua de bispos em Roma, de Pedro e Paulo até o seu próprio tempo”. Mas Irineu marcou com mais habilidade a ligação de Pedro e Paulo com Marcos (intérprete de Pedro) e Lucas (intérprete de Paulo) do que com Mateus. Ele não fez referência a qualquer conexão entre Mateus, Pedro e Paulo, tampouco entre Mateus e Roma. Aliás, há breve referência à ocasião em que Pedro e Paulo ensinaram em Roma e lançaram a fundação da igreja. De qualquer forma, a breve ligação entre esse evangelho, Pedro e Paulo a partir de Irineu pode apontar que Mateus estava próximo às tradições dos apóstolos e suas pregações em Roma por volta de 60 e estabelecer que o evangelho de Mateus tinha alguma relação com as autoridades e lideranças da igreja.<sup>9</sup>

Outras referências históricas que são analisadas por Carter estão em *História Eclesiástica*. O bispo Eusébio de Cesaréia na Palestina (260-340) cita um possível testemunho sobre o autor do evangelho. Além disso, o uso de palavras ambíguas pelo bispo Papias de Hierápolis na Ásia Menor, entre 125 e 150, tem causado ostensivo debate. Eusébio se refere às citações de Papias algumas vezes e indica que esse trabalho possui material que Papias leu dos “sagrados apóstolos”,

---

<sup>8</sup> IRENAEUS. Against Heresies. In: ROBERTS, A. & DONALDSON, J. (eds.). *The ante-Nicene fathers*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1995; HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: Concórdia, 1989.

<sup>9</sup> Cf. CARTER, pp. 14-15.

incluindo Mateus – último nome de sua lista de apóstolos. Eusébio propôs que Papias teria aprendido tais conteúdos de um presbítero, Marcos, o intérprete de Pedro. Todavia, teria escrito apenas o que se lembrava acerca das coisas que teriam sido ditas e feitas pelo Senhor, não em ordem cronológica. Eusébio adiciona que Papias haveria dito que “Mateus colecionou oráculos em língua hebraica e interpretou cada um deles como melhor poderia”.<sup>10</sup> Deste modo, Eusébio/Papias sugere, a partir da comparação entre Marcos e Mateus, que Marcos teria sido escrito primeiro e que Mateus teria utilizado este material para compor o seu próprio. Carter, todavia, quanto à discussão de Mateus ser uma coleção de oráculos (ou ditos), entende essa hipótese como inadequada, visto que a maior parte do material de Mateus é constituído de narrativa: “O que Mateus colecionou? O significado da palavra ‘oráculos’ seria completamente inapropriado, pois o evangelho não é somente uma coleção de ditos, mas uma narrativa”.<sup>11</sup>

Segundo Carter, outra questão relevante é a consideração sobre em que língua o evangelho teria sido escrito. Alguns estudiosos consideram a hipótese da língua original ser o hebraico, porém seria improvável, visto que o evangelho em grego não mostra sinais de tradução. Embora antigos escritores considerem que Mateus escreveu o primeiro evangelho, Carter entende que nem sempre as fontes externas são bons indícios quanto à autoria mateana do evangelho. Para reforçar esse argumento, ele recorre ao uso elegante do grego que é típico de Mateus e que excede aos padrões de Marcos, mais próximos do aramaico/hebraico.

Carter indica que as Escrituras judaicas traduzidas para o grego (a LXX) foram muito usadas nas sinagogas da Diáspora. Também em função da influência helenística sobre Jerusalém, onde se falava o grego. Portanto, não é possível afirmar a etnicidade judaica ou gentílica de Mt somente a partir de certas ênfases particulares. Alguns escritores entendem que a polarização de gentios em Mt indica a identidade gentílica dos autores mateanos. Esta leitura sugere que Israel teria sido rejeitado por Deus e os gentios seriam o objeto do favor de Deus. Mateus 23 evidenciaria essa relação por meio da aspereza de Deus em relação aos líderes religiosos. As escrituras também mostrariam isso, pois foram cumpridas em Jesus. Outra dica do texto estaria em 21:43-45, que afirma que o Reino de Deus seria tomado de Israel e dado a outro povo que produzisse mais frutos. Para esses autores, a autoria/audiência de Mateus tinha “visão internacional”. Outro argumento favorável à autoria gentílica: o nascimento virginal de Jesus (1:18-25), que não teria paralelo na literatura judaica. Todavia, as diferenças entre o texto mateano e os paralelos gentios e

---

<sup>10</sup> EUSEBIUS. *Ecclesiastical History*. In: OULTON, J. & LAWLOR, H. (eds.). 2 vols. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1980. Cf. 3.39.1-16.

<sup>11</sup> Cf. CARTER, p. 16.

as claras características judaicas da história (a forma do anúncio, a inclusão de um texto judaico, a regra da lei e paralelos de Moisés) apontam para um escritor judaico.<sup>12</sup>

Para K. Clark, 22:41-46 indica que o Messias não é descendente de Davi e essa visão não poderia ter origem judaica. Entretanto, a ênfase sobre lei e cumprimento das escrituras indicaria a autoria judaica. Este material judaico, por outro lado, pode ter sido incluído por um autor gentio com a finalidade de preservar as tradições judaicas herdadas ou, ainda, demarcar as fronteiras que separavam a comunidade judaica da comunidade gentílica. Existem diversas propostas sobre este material no evangelho. A autoria pode ser deduzida a partir da importância dada às tradições judaicas, instituições e piedade (Davi, Moisés, o Templo, Jerusalém [4:5; 5:34-35; 27:53], o Sabbath [24:20], o contraste com a sinagoga em 6:1-18 e outros). O autor J. P. Meier indica dois exemplos que amparam a hipótese da autoria gentia. Ele aponta a confusão na citação de Zc 9:9 em Mt 21:5, que resulta na imagem de Jesus sobre dois animais. Ainda, seria improvável que um autor judaico ligasse os fariseus aos saduceus (3:7; 16:1), ignorando a vasta diferença social, teológica e política que há entre eles (16:12; 22:23).

Carter, no entanto, ressalta a constante preocupação de Mateus em indicar o cumprimento das escrituras e os ataques aos líderes religiosos como grupo que se recusava a seguir Jesus. Existem diferenças internas entre os grupos, mas a ênfase de Mateus recai justamente naquilo que os une, isto é, a oposição de Jesus.

### **Gênero literário**

No capítulo 3, Carter discute o gênero e a forma do evangelho. Entende que o gênero impõe limitações ao autor e atua diretamente na formação das expectativas da audiência. Exemplo: o gênero comédia impõe ao autor o limite do humor, o que cria expectativas na audiência quanto ao tipo de texto que encontrará. Basicamente, Carter entende que essa expectativa que constitui uma lacuna, na observação atenta do texto pode indicar o meio de se encontrar a audiência.

Carter lança mão das teorias sinóticas de interdependência e retoma o quadro de comparações entre os sinóticos desde Reimarus, J. J. Griesbach, Holtzmann e B. H. Streeter. Este último propôs que o primeiro evangelho constituído foi o de Marcos. São dele as seguintes declarações: (1) Mateus reproduz 90% de Marcos e Lucas reproduz mais da metade de Marcos; (2) Em cada sessão, Mateus e Lucas reproduzem a maioria das palavras usadas por Marcos; (3) Mateus e Lucas, em geral, seguem a ordem marcana; (4) Marcos prima pela preservação das palavras, do

---

<sup>12</sup> CLARK, K.W. The gentile bias of Matthew. In: *JBL* 66, 1947, pp. 165-172; *The gentile bias and other essays*. Leiden: Brill, 1990; Davies and Allison. *Matthew*, 1.22-24, 1.21-22.

estilo e da gramática aramaica, ao passo que Mateus e Lucas omitem e até abandonam tal estrutura da língua. Eles também ocultam certos conteúdos ofensivos; (5) A distribuição de material tanto marcano como não-marcano indica o uso singular de Marcos como documento e sua combinação com outras fontes. Estas assertivas, contudo, não dispensam a idéia de que tanto Mateus quanto Lucas teriam ainda materiais peculiares que foram usados na redação de seus textos.

A partir desse debate, que o autor considera importante estágio da pesquisa rumo à autoria/audiência mateana, Carter salienta fundamentalmente que o Evangelho de Mateus não é fruto do relato de testemunha ocular de algum apóstolo original. Entretanto, o gênero de Mateus parece ser uma biografia antiga ou uma história que tem como função principal ser veículo para a proclamação sobre Jesus. Portanto, o gênero é “proclamação”: este evangelho oferece material histórico acurado que apresenta o significado de Jesus na constituição da identidade e estilo de vida de uma antiga comunidade de fé. As fontes de Mateus seriam Marcos, o primeiro evangelho, o material conhecido como Q (ditos de Jesus comuns entre Mateus e Lucas) e M (material exclusivo de Mateus). Para Carter, o autor do evangelho usou essas fontes, cujo conteúdo explícito eram as tradições de Jesus, a fim de redigir um texto de pretensão pastoral que visava a circunstâncias particulares de sua comunidade de fé. Tal comunidade existiria na Síria, cidade de Antioquia, por volta da oitava década do I século. Assim, o redator teria usado a forma da antiga biografia para expressar suas preocupações teológicas e pastorais. Estas assertivas contribuem para reconhecer quais expectativas guiavam a audiência na recepção deste evangelho. Esta hipótese lembra a conhecida pesquisa de Gerd Theissen<sup>13</sup> quanto à influência helênica na redação dos evangelhos, assim como na pregação de Jesus e de seu movimento.

### *Crítica da redação*

A segunda área de pesquisa em que Carter busca indícios da etnicidade do autor mateano é o vocabulário do evangelho. Em Marcos, geralmente se verifica a expressão “Reino de Deus”. Em Mateus, a autoria prefere “Reino dos céus” (com quatro exceções: 6:33; 12:28; 21:31, 43). Esta expressão não faz referência ao nome divino e talvez possa ser indício da autoria judaica. Entretanto, o evangelho faz referência ao nome de Deus quinze vezes. Outra pista seria o emprego da palavra grega *phylacteria* (23:5<sup>14</sup>) que não foi usada na LXX. Seu uso sugere que um escritor grego teria se enganado quanto ao costume judaico, como um amuleto para proteger

---

<sup>13</sup> Em *Sociologia do movimento de Jesus e Sociologia da cristandade primitiva*.

<sup>14</sup> *Praticam todas as suas ações com o fim de serem vistos pelos homens. Com efeito, usam largos filactérios e longas franjas.* Filactérios: estojos pequenos que encerravam frases importantes da Lei e que os judeus traziam presos no braço ou na testa, procurando cumprir materialmente o prescrito em Ex 13:9,16; Dt 6:8, 11:18.

contra a influência de espíritos ou desastres. Entretanto, evidências de outros escritos judaicos indicam uma flexibilidade considerável no uso da terminologia de objetos sagrados, o que sugere uma autoria judaica. Também quando se refere ao diabo, o evangelho usa a forma semítica “Satanás” juntamente com termos gregos como “o tentador”, “o demônio” e outros. Alguns estudiosos entendem o uso desses termos antigos como evidências de uma autoria gentílica, mas não há elementos que excluam a hipótese de um autor judaico que conhecesse a escrita grega.

Mateus omite algumas formas semitas que aparecem em Marcos (*Talitha koum*, de Mc 5:41 cf. Mt 9:25; *Rabbouni*, de Mc 10:51 cf. 20:33; *Abba*, de Mc 14:36 cf. Mt 26:39) e explica o significado de “Jesus” e “Emmanuel” (1:21. 23). Estes fatores podem indicar a autoria gentílica. Mas essa conclusão, conforme Carter, não se sustenta, já que Mateus parece objetivar fazer melhorias em Marcos.

### **As tradições religiosas da audiência (47-65)**

Nas páginas 47-65, entendendo o Evangelho de Mateus como texto religioso que apresenta características semelhantes às antigas biografias, Carter propõe que se trata de uma reflexão sobre Jesus e o significado de sua proclamação. Este texto teria por objetivo promover identificação entre a comunidade e o estilo de vida de Jesus e seus discípulos. No capítulo 4, Carter se preocupa em examinar alguns dos meios empregados pelo evangelista para formar e transmitir essas tradições, “conservando e re-configurando a identidade e o estilo de vida da audiência”. Carter entende que mesmo que o redator tenha seguido Marcos, ele o fez de modo criativo e autônomo, isto é, tendo em vista unicamente a satisfação de suas necessidades pastorais. Assim, o autor faz uso do conhecimento público sobre as tradições de Jesus, cristologia, discipulado e escatologia, mas emprega esse material com perspectivas diferentes. Mateus “transmite, reinterpreta e reformula Marcos de cinco maneiras: (1) pela omissão<sup>15</sup>, (2) pela expansão e pela adição, (3) pela re-ordenação, (4) pela síntese e (5) pela melhora do estilo<sup>16</sup>”.

Quanto ao estilo, Carter compreende esta como a terceira área de investigação sobre a identidade do autor do Evangelho de Mateus. Segundo ele, Mateus melhora Marcos de diversos modos e isto poderia indicar tanto a autoria gentílica quanto a proficiência de um autor judaico. A narrativa mateana inclui palavras e construções gramaticais que refletem as influências aramaicas e hebraicas. Algumas são provenientes das próprias fontes de Mateus, outras passagens são

---

<sup>15</sup> Mateus omite várias unidades que aparecem em Marcos (1:23-28, 35-38; 4:26-29; 7:31-37; 8:22-26; 9:38-40; 12:41-44; 14:51-52), omite referências em que experiências humanas de Jesus ressaltam emoções e limitações, principalmente referências desfavoráveis que ressaltam impaciência ou frustração: Marcos 3:1-6; 12:12; 8:11-13; 12:39 e 16:2.

<sup>16</sup> Carter entende que Marcos executa várias melhorias no estilo de Marcos. Tais melhorias indicariam que o autor tinha conhecimento do grego e isto pode ser verificado em vários comentários.

citações da LXX. Resta saber se trata-se de um gentio influenciado pela LXX, ou que objetivava imitar o estilo hebraico ou, ainda, se seria um autor judaico com dificuldade para escrever a partir de sua própria tradição dada a influência gentílica. O parâmetro para esse questionamento são os escritos de Flávio Josefo, escritor de *Jewish War* que foi traduzida por ele mesmo de sua língua original (provavelmente aramaico) para grego, demonstrando um competente grego com evidências da interferência semítica. Carter nota que a existência de características semíticas, o conhecimento da Bíblia Hebraica e da LXX sugerem que o autor tenha sido um judeu que sabia aramaico, hebraico e grego.

Outras duas fontes para a redação de Mateus são Q e M. Carter pressupõe que se tais fontes são empregadas pelo redator deste evangelho é porque evidentemente são constituídas por tradições que são familiares à audiência de Mateus. No uso de Q, Mateus teria preservado cuidadosamente palavras, formas literárias e ordem, mas não se eximiu de recriar o material de Q. Seu uso de Q, indiretamente atesta o conhecimento da sua comunidade acerca deste material, assim como concede pistas sobre a identidade deste grupo, que não era completamente constituída de leigos sobre as tradições de Jesus. Carter notou que vários aspectos do discipulado foram reformulados por Mateus, tais como missão, relacionamentos entre a comunidade, observância das tradições da Lei e dos Profetas, julgamento (59-60).

### **As experiências sociais e religiosas da audiência<sup>17</sup>**

Os capítulos 5 e 6 investigam quatro aspectos do conhecimento social e religioso presumido da autoria/audiência mateana. É pressuposto pelo autor que o texto é como janela por meio da qual o leitor moderno pode observar a situação subjacente ao evangelho. Ele assume que o texto reflete as circunstâncias sobre as quais discorre. O texto pode ser entendido de diferentes formas por diferentes leitores. Isto acontece em função da própria diversidade de informações dentro do quadro literário e porque falta ao intérprete conhecimento a respeito da rede de sentidos que cooperam para a constituição da literatura. Para Carter, deve-se saber que a audiência nunca é passiva e, portanto, sempre está envolvida no processo de produção de sentidos. Esta função ativa será tratada mais acuradamente nos capítulos 8-16, nos quais se discutirão quatro importantes aspectos da ação da audiência: a construção do ponto de vista, o plano, o ambiente e a natureza do evangelho. Segundo Carter, a leitura de Mateus é semelhante a um “quebra-cabeça” e para montá-lo são necessários os conhecimentos sobre a autoria do evangelho, o gênero literário, as convenções narrativas e outras informações.

---

<sup>17</sup> *The audience's social and religious experiences.*

No capítulo 5, Carter examina a questão da origem do evangelho. A partir do relato de Josefo, ele entende que a redação é proveniente da Síria de Antioquia e que neste lugar dois aspectos se evidenciavam: (1) tratava-se de um pequeno e minoritário grupo que enfrentava desafios e dificuldades diante do governo romano, o qual dominava toda a diversa sociedade daquele tempo; (2) a comunidade havia experimentado recentemente uma ruptura com a sinagoga após “amarga disputa”. Carter caracteriza o grupo de Mateus como comunidade marginalizada e em transição, que tinha uma atitude ambivalente em relação à sociedade e ao Império Romano. Ele sustenta que a comunidade conhecia e comentava as experiências e assuntos relacionados às declarações de Jesus sobre seu poder atribuído por Deus para perdoar pecados, manifestar a presença de Deus e interpretar a vontade divina. Portanto, não seria uma comunidade de gentios convertidos. Provavelmente, o grupo seria constituído predominantemente por judeus e, possivelmente, helenizados.

Com o uso da crítica da redação, Carter visa a identificar características que indiquem minimamente a situação da autoria/audiência de Mateus por meio do uso que o redator faz das suas fontes na Antioquia do I século. Carter supõe que: (1) trata-se de uma comunidade pequena e minoritária no contexto de uma grande e diversa cidade dentro do Império Romano; (2) essa comunidade resultou de um processo de disputa e ruptura com a sinagoga; (3) nesta situação de transição, o evangelho busca assegurar para a comunidade identidade e estilo de vida com palavras de legitimação, explicação e direção; (4) esta comunidade tem uma vida marginal. Decorre disso que a sobrevivência da comunidade era garantida por sua atitude ambivalente em relação à ordem imperial romana: o grupo buscava se distanciar das formas de vida comuns ao império e, ao mesmo tempo, participava das relações sociais cotidianas por meio da atividade missionária, que objetiva fundamentalmente a implantação do reino de Deus.

### **O uso das convenções narrativas**

Em geral, os autores empregam convenções narrativas para guiar a audiência em sua leitura. O autor, portanto, assume que a audiência é suficientemente capaz de reconhecer e compreender tais convenções. O capítulo 7, especialmente páginas 92-104, tem por objetivo esclarecer algumas convenções empregadas pela autoria mateana, a fim de que o leitor adquira familiaridade com o mundo do autor e de sua autoria/audiência. Carter discute a importância das convenções narrativas usadas pelo redator para contar a história de Jesus. Neste uso, automaticamente, o redator assume conhecimentos que pressupõe fazer parte do conjunto de informações sobre as quais a comunidade tem competência para ouvir e interpretar.

Em resumo, a parte I (capítulos 2-7) examina cinco aspectos do conhecimento e experiência que são da autoria/audiência mateana: 1) autoria do evangelho, tempo e lugar de origem; 2) o gênero e as expectativas criadas por ele; 3) a tradição religiosa da audiência e seu conhecimento sobre a experiência de Jesus; 4) a experiência social e religiosa dos discípulos de Jesus; 5) as habilidades de leitura da audiência.

## **PARTE II E PARTE III**

A parte dois (capítulos 8-16) investiga como a autoria/audiência reconhece e constrói a visão do evangelho, plano, ambiente e natureza do texto. Carter observa as características narrativas do evangelho e avalia qual seria o provável ponto de vista da audiência. Para isso, busca identificar ações, palavras, relacionamentos e valores inscritos no evangelho e que indiquem características da trama. Nesta parte da obra, Carter propõe que em Mateus há certa estrutura constituída de parte nuclear e parte satélite. Esta é, em parte, a contribuição mais relevante de Carter para a discussão sobre Mateus. Ele entende que a audiência ordena a trama do evangelho pela identificação de seis núcleos e blocos narrativos. Outras cenas seriam “satélites”, isto é, comporiam a trama, mas não de modo fundamental. Os blocos narrativos seriam:

- 1) 1:18-25 (1:1-4:16)
- 2) 4:17-25 (4:17-11:1)
- 3) 11:2-6 (11:2-16:20)
- 4) 16:21-28 (16:21-20:34)
- 5) 21:1-27 (21:1-27:66)
- 6) 28:1-10 (28:1-20)

Os primeiros textos da lista são os textos centrais. Os textos entre parênteses são os textos satélites.<sup>18</sup>

Carter destaca que o termo audiência indica que o Evangelho de Mateus foi escrito para ser lido em voz alta para um grupo de ouvintes que não possuía cópias individuais para estudo. A partir da primeira parte deste trabalho, portanto, concluímos que Carter sustenta que a autoria/audiência mateana:

- Entendia grego, a linguagem do evangelho.

---

<sup>18</sup> Uma discussão detalhada sobre este ponto foi publicada na forma de artigo: *Kernels and narrative blocks: the structure of Matthew's Gospel*. In *CBQ* 54, 1992, pp. 463-481.

- Provavelmente vivia na Síria, talvez Antioquia, sob o governo romano e durante o I século.
- Reconhecia o gênero literário do evangelho como biografia.
- O grupo consistia numa comunidade de discípulos de Jesus familiarizada com as histórias a respeito dele e com os seus ensinamentos (cf. as tradições de Marcos, Q e M). Esta comunidade viveu numa época posterior à ressurreição e antes do retorno de Jesus (24:15; 27:8; 28:15).
- Esta comunidade tinha caráter minoritário, separado, de transição e marginal, em estado de desigualdade em relação à comunidade da sinagoga e ao Império Romano.
- O grupo estava familiarizado com a Septuaginta, as escrituras judaicas em grego.

Já na segunda parte, Carter destacou quatro importantes aspectos que devem ser colocados em relevo na tarefa de interpretação do evangelho de Mateus: 1) a construção do ponto de vista do evangelho; 2) a formulação de uma compreensão coerente acerca da trama; 3) a determinação do significado dos vários lugares de ação da trama; 4) a construção de um quadro de características a partir da atenção às peculiaridades. A terceira e última parte deste trabalho de Carter, que por hora traduzimos como “leitura posterior” (after reading), irá considerar brevemente o Evangelho de Mateus em relação a vários aspectos da experiência religiosa contemporânea.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A primeira, e mesmo a segunda leitura desta obra, possivelmente não despertem o leitor inteirado das pesquisas sobre o Evangelho de Mateus para um “novo mundo”. Na verdade, os conteúdos que Carter apresenta não decorrem de descobertas recentes. Ao contrário, são informações que têm sido largamente discutidas pelos pesquisadores de Bíblia e de literatura judaica e cristã.

Mas, a despeito da repetição de axiomas da exegese bíblica e da cansativa discussão sobre autoria que subjaz à redação do evangelho, Carter aponta um *insight* ainda pouco explorado no trato da literatura bíblica. O autor propõe que o evangelista é um intérprete, um contador de histórias. Neste sentido, o texto de Carter nos leva a pensar o autor deste evangelho como alguém que teve acesso aos acontecimentos que envolviam Jesus, ou seja, às tradições de Jesus, e que decidiu contar sua própria versão delas. Esta decisão, portanto, implica no uso de suas categorias, seu campo semântico, suas observações pessoais e sua subjetividade. Neste sentido, o Evangelho de Mateus seria a história de Jesus de acordo com a versão de alguém chamado, posteriormente, de Mateus.

Segundo uma perspectiva metodológica da antropologia cultural, o exegeta é uma espécie de etnógrafo e, segundo Clifford Geertz, etnógrafo que faz descrição densa<sup>19</sup>. Isto significa que o trabalho de exegese sobre um evangelho como o de Mateus deve considerar o texto à luz da complexa “teia de sentidos” que coopera para a sua formação. Nesta perspectiva, na relação com a história, com o espaço-lugar, com a língua que se fala e que se escreve, no cotidiano das relações sociais e dos atos simbólicos, na memória das tradições e no recontar das tradições e histórias é que se constrói o texto. Portanto, o que forma o texto, isto é, sua estrutura, é um conjunto de ações e relações sociais matizadas na historicidade de sujeitos. Se esta experiência já se perdeu, como salienta Carter, e já não está mais acessível ao leitor moderno, resta o texto. E como propõe Geertz, para se compreender a(s) cultura(s) é necessário ter atenção aos detalhes, isto é, às minúcias. Nisto o autor se assemelha à leitura paradigmática de Carlo Ginzburg, que busca nos detalhes das relações sociais, na leitura micro-histórica, a chave para compreender as sociedades, as culturas: a macro-história.

Deste modo, assim como para o antropólogo o ofício de fazer etnografia (descrição) só se completa na decifração dos detalhes da cultura, para o exegeta da Bíblia – que lida com textos antigos – resta a decodificação da linguagem do texto bíblico. Neste sentido, a busca pela intenção do autor é de pronto infrutífera. Por outro lado, a busca pela caracterização do grupo que estava em diálogo com o texto é viável. Isto Carter entende, acertadamente, quando evidencia que a audiência de um texto lido em voz alta e ouvido por um pequeno grupo nunca reage pacificamente ao conteúdo do texto. Decorre desse tipo de abordagem que a exegese estrutural, que estratifica o texto ao invés de compreendê-lo como proveniente de uma rede de sentidos, pode ser classificada como exercício que busca “similaridades vazias” entre os evangelhos e não prioriza o que o Novo Testamento tem de mais interessante e que é justamente a sua pluralidade: de estilos, de teologias, de comunidades e de tradições sobre Jesus.

---

<sup>19</sup> Cf. GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, pp. 3-21.